

Seção: Varia

A Escola Inglesa das Relações Internacionais a partir da perspectiva de Coral Bell

The English School of International Relations from the perspective of Coral Bell

La Escuela Inglesa de Relaciones Internacionales desde la perspectiva de Coral Bell

João Henrique Salles Jung¹
Amália Barbosa Boemeke²

Resumo

Este artigo visa demonstrar a importância de Coral Bell enquanto pensadora-chave da Escola Inglesa das Relações Internacionais. A partir de uma exploração do arcabouço teórico desta corrente, evidencia-se a centralidade tida na figura de três autores homens: Martin Wight, Hedley Bull e Barry Buzan. Ao resgatar o pensamento de Coral Bell, compreende-se a capacidade de enriquecer a contribuição da Escola Inglesa ao campo teórico das Relações Internacionais. Ao analisar este campo de estudos no Brasil, percebe-se o status marginal da Escola Inglesa, corrente que por ter na história e na filosofia a sua fonte epistêmica, pode contribuir largamente com o refinamento intelectual das Relações Internacionais no país.

Palavras-chave: Teoria das Relações Internacionais. Escola Inglesa. História das Relações Internacionais. Coral Bell. História das Ideias.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de Hagen, Alemanha, em regime de cotutela com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutorando em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9234-6866>. Email: joao.jung@pucrs.br.

² Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduada em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5217-5090>. E-mail: amaliaboemeke@gmail.com.



Abstract

This article aims to demonstrate the importance of Coral Bell as a key thinker in the British School of International Relations. Through an exploration of the theoretical framework of this current, the centrality of three male authors is highlighted: Martin Wight, Hedley Bull and Barry Buzan. By recovering the thought of Coral Bell, we understand the capacity to enrich the contribution of the English School to the theoretical field of International Relations. When analyzing this field of study in Brazil, one realizes the marginal status of the English School, a current which, because it has its epistemic source in history and philosophy, can contribute greatly to the intellectual refinement of International Relations in the country.

Keywords: International Relations Theory. English School. History of International Relations. Coral Bell. History of Ideas.

Resumen

Este artículo busca demostrar la importancia de Coral Bell como pensadora clave de la Escuela Inglesa de Relaciones Internacionales. Mediante la exploración del marco teórico de esta escuela, se destaca la centralidad de tres autores masculinos: Martin Wight, Hedley Bull y Barry Buzan. Al recuperar el pensamiento de Coral Bell, se evidencia su capacidad para enriquecer la contribución de la Escuela Inglesa al campo teórico de las Relaciones Internacionales. El análisis de este campo de estudio en Brasil revela la marginalidad de la Escuela Inglesa, una escuela que, con sus raíces epistémicas en la historia y la filosofía, puede contribuir significativamente al refinamiento intelectual de las Relaciones Internacionales en el país.

Palabras Clave: Teoría de las Relaciones Internacionales. Escuela Inglesa. Historia de las Relaciones Internacionales. Coral Bell. Historia de las Ideas.

Introdução

A *École des Annales*, a Escola Francesa³ e a Escola Inglesa possuem, todas elas, uma grande influência no modo como a história é pensada e retratada nas Relações Internacionais. Ao consistir em três diferentes interpretações sobre os fenômenos históricos que se acumularam ao longo dos séculos da política internacional, há uma forte influência destas na Teoria das Relações Internacionais através destas diferentes escolas.

³ Não há um consenso sobre tal nomenclatura; refere-se aqui à tradição criada por autores como Pierre Renouvin, Jean-Baptiste Duroselle e René Girault, hoje já consolidada enquanto o *Centre d'Histoire des Relations Internationales Contemporaines*, na Paris 1 Panthéon-Sorbonne.

A Escola Inglesa receberá uma maior ênfase ao se ter em vista o escopo deste artigo, que é o de explorar o pensamento de Coral Bell, integrante fundadora do *British Committee on the Theory of International Politics*. Além disso, é a única das três supracitadas que forma uma corrente teórica das Relações Internacionais por si.

Se até hoje tal campo de estudos é protagonizado por pensadores homens, o vanguardismo de pensadoras mulheres como Coral Bell, Margaret Sprout, Cynthia Enloe, Ann Tickner, entre outras, que se dedicaram às Relações Internacionais desde meados do século XX deve ser melhor difundido. Não apenas por uma questão de equidade de gênero mas, também, pela importância epistêmica que diferentes gêneros geram na percepção de diferentes fenômenos internacionais; por exemplo, as ameaças securitárias percebidas por um homem na guerra são distintas daqueles que percebem uma mulher. Tal ponto é bem apontado por Annica Kronsell (2011) a partir do conceito de *institutions of hegemonic masculinity*.

Não sendo a intenção deste artigo discutir (pelo menos diretamente) gênero nas Relações Internacionais, tais questões são inicialmente apontadas aqui para situar o objetivo geral deste artigo, que é o de explorar melhor o pensamento de Coral Bell dentro do rol teórico da Escola Inglesa. Tal projeto emerge da compreensão dos autores de que tal corrente possui um grande potencial analítico e descritivo das relações internacionais; contudo, há nesta uma espécie de hegemonia intelectual exercida pelos pensadores Martin Wight, Hedley Bull e Barry Buzan. Isso é evidenciado através de métricas acadêmicas como as pesquisadas na plataforma *Scopus* (2024): enquanto Coral Bell possui 30 citações e um h-index 3⁴, Martin Wight tem 261 citações e um h-index 6, enquanto Hedley Bull demonstra 914 citações e um h-index 11; mais recente e o único deles ainda vivo, Barry Buzan⁵ ostenta 6051 citações com um h-index 41. Ainda, entre os supracitados, Coral Bell é a única que não possui artigos ou livros traduzidos para o português.

Se o problema de pesquisa aqui é o de mapear as principais contribuições de Coral Bell às Relações Internacionais, a hipótese lançada é de que a difusão do pensamento de Coral Bell enrobusteceria o rol teórico da Escola Inglesa, trazendo uma maior atenção a esta corrente ainda periférica. A partir de dados trazidos por Villa e Pimenta (2017, p.

⁴ O h-index é uma métrica que sintetiza duas variáveis: (i) a produtividade acadêmica de determinado pensador e (ii) o quão citadas são as suas obras. Quanto maior o número, mais produtivo e/ou citado o autor.

⁵ Ao contrário dos demais, Barry Buzan possui uma perspectiva teórica mais fluida. Isso quer dizer que, apesar de se utilizar da Escola Inglesa, suas obras possuem também elementos de outras teorias como o construtivismo e o realismo.

272), a Escola Inglesa é a sexta entre as sete correntes teóricas das Relações Internacionais mais utilizadas no Brasil, à frente apenas do feminismo; o Realismo vigora como a primeira e o Marxismo enquanto a segunda.

Em vias de cumprir com as intenções aludidas, este artigo se divide em duas seções: uma primeira que explora a Escola Inglesa das Relações Internacionais, contextualizando sua relação com o campo de estudos e apontando suas principais preocupações de pesquisa; uma segunda focada no pensamento de Coral Bell, resgatando seus principais conceitos e ideias.

A importância da Escola Inglesa: a história e a filosofia na teorização das Relações Internacionais

Com a tutela de Herbert Butterfield foi criado, em 1959, o *British Committee on the Theory of International Politics*, reduto de pensadores britânicos e australianos que se dedicavam à compreensão e à prospecção da política internacional. Enquanto grupo de pesquisa interinstitucional e interdisciplinar, os ocasionais encontros de seus participantes resultaram no livro *Diplomatic Investigations: essays in the theory of international politics*, publicado em 1966 sob a organização de Butterfield e Martin Wight. Esse compilado de trabalhos apresenta temas que vão desde a crítica ao modo com o qual a política internacional era pensada (Wight, 1966) até a uma análise da história das relações internacionais com uma respectiva projeção de como uma *nova diplomacia* deveria ser compreendida (Butterfield, 1966).

Deve-se ter em vista que o comitê britânico possuiu, desde sua gênese, um análogo estadunidense; a *International Studies Association* (ISA) foi também fundada em 1959 após um rompimento interno na *American Political Science Association* (APSA). Para além de mera coincidência histórica, a emergência de ambos polos produtores de conhecimento sobre as relações internacionais gerou aquilo que é convencionalmente chamado de *segundo grande debate*, discussão metodológica antagonizada por intelectuais estadunidenses influenciados pelo *behaviorismo* e por pensadores britânicos que ficaram conhecidos enquanto *tradicionalistas*. A obra de Hedley Bull (1966a) sintetiza tal perspectiva que é, ao mesmo tempo, a proposta da Escola Inglesa para a forma com a qual a política internacional deve ser analisada. Assim, há uma simbiose entre teoria e história nas Relações Internacionais de modo análogo ao que fez Hegel (2014) com a filosofia, ao

unir a dimensão histórica ao pensamento filosófico no desenvolvimento de uma fenomenologia.

Se for retomado o esforço intelectual de Fernand Braudel (1984), expoente da *École des Annales*, percebe-se a formação de uma historiografia que, ontologicamente materialista, absorve das condições estruturais a análise dos fenômenos observados. Não havia aqui uma preocupação em se pensar as Relações Internacionais *per se*; mas sim com a concepção de um método historiográfico que conseguisse lidar com as clivagens percebidas em um período histórico amplo. Tais questões transbordaram às Relações Internacionais na formação de um pensamento marxista neste campo de estudos, que têm em Immanuel Wallerstein um de seus principais expoentes.

Dessa influência extraem-se ricas análises como a do desenvolvimento trazido por uma maior integração econômica nos séculos XVI-XVII que levou tanto a deslocamentos do polo produtivo - da Itália (Veneza) à Holanda (Amsterdã) passando por Portugal (Braudel, 1984, p. 143) - quanto à própria concretização de uma *economia-mundo* (Braudel, 1984; Wallerstein, 2000) que suprassumiam os avanços políticos e sociais europeus. A noção de *economia mundo*, que adentra no arcabouço teórico daquilo que se conhece como *Sistema Mundo*, é possivelmente a maior contribuição de Fernand Braudel e da *École des Annales* às Relações Internacionais por ser daí a emergência de uma corrente teórica marxista nesta disciplina.

Para marcar diferenças metodológicas no método histórico, Adam Watson (2004, p. 202-206) analisa o período entre 1714 e 1789 através de quatro leis da Sociedade Internacional europeia: i) o direito internacional; ii) a legitimidade; iii) o diálogo diplomático através de embaixadas; iv) a guerra limitada como último recurso. Percebe-se que há uma ruptura epistemológica com o materialismo histórico. Tem-se aqui o iluminismo e a modernidade enquanto ideias filosóficas e políticas que influenciavam as ações dos agentes políticos - o trabalho de John Ruggie (2000) oferece um suporte substancial para a compreensão da importância da modernidade enquanto impulso transformador das relações internacionais. A territorialidade enquanto grande produto da modernidade na política (Ruggie, 2000) dialoga ainda com a ideia da Europa enquanto uma *grand république* (Watson, 2004) que será tema ainda de importantes contribuições filosóficas como *Para a Paz Perpétua* de Immanuel Kant (2006).

A Escola Inglesa é, possivelmente, a tradição das Relações Internacionais que melhor consegue absorver a filosofia enquanto um saber aliado à historicização deste

campo de estudos, questão evidente em trabalhos como os de Martin Wight (2000; 2002) assim como na *opus magnum* desta corrente, a *Sociedade Anárquica* de Hedley Bull (2002). Disso decorre a riqueza teórica que a Escola Inglesa traz à política internacional - desde a própria problematização sobre no que consiste a teorização de tal campo (Wight, 1995). Ainda assim seria injusto depreender disso uma superioridade intelectual frente às outras interpretações, pois a Escola Inglesa existe enquanto uma corrente teórica em si, enquanto perspectivas de forte cunho historiográfico como a *École des Annales* e a Escola Francesa não; a primeira influencia profundamente o paradigma marxista, enquanto a segunda o construtivismo e a sociologia das Relações Internacionais.

A aproximação da história ao tempo presente na Escola Francesa é uma importante inovação por trazer consigo um fôlego conceitual que apresenta noções como a das *forças profundas* e a dos *homens de Estado* (Renouvin; Duroselle, 1964). Em uma historiografia até então marcada pela epistemologia materialista da *École des Annales*, a noção de *forças profundas* - que se dirigem a fatores como, por exemplo, o sentimento nacional e a ideologia no âmbito doméstico - enquanto condicionante da ação internacional é uma inovação epistêmica. Tais *forças profundas* permitem encontrar na conduta dos *homens de Estado* uma variável para as relações internacionais (Renouvin; Duroselle, 1964). Percebe-se uma dimensão simbólica - tão cara à intelectualidade francesa dos anos 60 - utilizada na compreensão da política internacional. Desse eixo é possível apontar influências da Escola Francesa no Construtivismo das Relações Internacionais, que têm em Alexander Wendt (1999) seu maior expoente.

As questões de agente e estrutura - assim como as relacionadas à cultura - presentes majoritariamente no capítulo quarto de Wendt (1999) podem ser aprofundadas a partir do rol conceitual que a Escola Francesa traz às Relações Internacionais. Exemplifica-se isso através da análise dos condicionamentos sofridos e realizados pelos atores das Relações Internacionais em um ambiente socialmente construído - preocupação central do Construtivismo, questão essa ricamente compreendida a partir da relação entre *forças profundas* e *forças organizadas* (Duroselle, 2000, p. 187), uma compreensão que vai além das *forças econômicas* e do materialismo histórico.

A Escola Inglesa consegue, contudo, sintetizar passado, presente e futuro dentro de sua concepção das Relações Internacionais. Obras como a de Adam Watson (2004) recapitulam as formações de sistemas e sociedade internacionais ao longo da história, enquanto Watson e Bull (1985) tomam tal análise para compreender as relações

internacionais de seus tempos. Além, Martin Wight (1991)⁶, ao estabelecer um diálogo intelectual entre Thomas Hobbes, Hugo Grotius e Immanuel Kant, traz a divisão entre três diferentes prismas para se compreender as relações internacionais e projetá-las ao futuro.

Na genealogia do sistema de Estados, Wight (1991; 2000) demonstra que há três diferentes tipologias para tal organização, aquilo que Hedley Bull (2002, p. 32) define como as três tradições do sistema de Estados moderno. O realismo hobbesiano tipifica a anarquia sistêmica, o contexto de guerra perene. Tal tipologia reflete boa parte da história da relação entre os povos, as quais, contudo, foram por vezes equalizadas por premissas de um equilíbrio racional; mesmo quando ainda a noção de razão ainda não existia conforme o seu sentido moderno. Assim, na leitura do passado e do presente, Hugo Grotius e Thomas Hobbes simbolizam as duas tipologias dominantes, que configuram um mundo entre o conflito e a amenização deste através de instituições, regras, costumes, valores e, enfim, o direito.

Na terceira tipologia, tida enquanto revolucionista por Wight (1991) ao se inspirar em Kant⁷, projeta-se um futuro no qual a situação de guerra perene dará lugar a um entendimento entre os povos. De modo a traçar um panorama dentro do trabalho do pensador, em outra obra (Wight, 1966) é argumentado que o maior interesse das relações internacionais deve ser o seu fim, pois enquanto houver interações entre diferentes nações, haverá conflito. Logo, ao conectar tal ponto com a tradição kantiana, o foco nos Estados deve sofrer uma clivagem em prol do indivíduo, unidos em uma grande comunidade internacional.

Para além desta preocupação metodológica e epistêmica no que tange ao estudo das Relações Internacionais, no que se resgata a história e a filosofia enquanto pontos de partida, a Escola Inglesa é conhecida por algumas pontuais contribuições a este campo de estudos. Salientam-se, aí, as noções de sociedade internacional e de sociedade mundial, as preocupações em relação à ordem global e, por fim, o estabelecimento de tipologias para a compreensão da distribuição de poder global. Esses quatro pontos, que serão agora melhor explorados, têm em comum a preocupação com as instituições; não à toa, os

⁶ Esta referência se trata, na realidade, de uma obra póstuma, organizada por orientandos de Martin Wight que acabaram por compilar trabalhos inacabados deste.

⁷ Tal nomenclatura feita por Wight recebe críticas entre seus próprios seguidores. Ao se considerar a filosofia kantiana, sabe-se que o filósofo é avesso à ideia de revolução. Por isso, pensadores como Hedley Bull (2002) trocam o termo “revolucionista” por “universalista”.

pensadores da Escola Inglesa por vezes são denominados como “institucionalistas britânicos”.

Em Hedley Bull (1966b) temos a origem do termo (i) Sociedade Internacional, absorvida centralmente do jurista Hugo Grotius. Em Martin Wight (1995; 2000; 2002) se percebe a preocupação com o estudo do sistema de Estados, sobre uma possível *raison de système* que se formaria em oposição à famosa *raison d'État* formada com Richelieu na França do século XVII. Já Hedley Bull (1995, 2002) se debruça sobre as características desta razão de sistema e dos desdobramentos da sociedade internacional em um sistema internacional tido como anárquico, no que Bull (2002) se questiona como é possível pensar em uma ordem global dentro de tal contexto. A *Evolução da Sociedade Internacional* (Watson, 2004) é dividida em três grandes partes, nas quais se trata do antigo Sistema de Estados, da Sociedade Internacional Europeia e da Sociedade Internacional Contemporânea. Duas questões são fundamentais enquanto chave hermenêutica deste texto. A primeira é a noção do autor em relação à história enquanto um *continuum*, ideia que pode ser bem resumida através das palavras de Robert Gilpin (1981, p. 211): “Acreditando que o passado não é mero prólogo e que o presente não possui o monopólio da verdade, desenhamos na experiência histórica, nas ideias de diversos autores que vieram antes”⁸. No clássico texto de Gilpin (1981) constitui-se a tese de que as mudanças na política internacional são ínfimas, tendo em vista que um ponto central permanece inalterado desde os tempos de Tucídides, a saber, o da primazia da política do poder. Na premissa de que relações de poder podem ser vistas desde as mais primitivas interações sociais conforme Michael Mann (2000), é interessante notar ainda as possíveis aproximações entre tal visão a respeito da história, presente em Gilpin (1981) e Watson (2004), com o esforço genealógico foucaultiano em tirar do presente o monopólio da verdade (Foucault, 2005).

Contudo, essa conotação da *realpolitik* apresentada por Gilpin (1981) não é tão evidente em Watson (2004), que percebe tal continuidade a partir de um pêndulo que se desloca entre quatro áreas; esta é a segunda noção essencial para compreender sua obra. Desde o sistema sumério, primeiro tratado pelo autor, até a sociedade internacional contemporânea - representada a partir da criação da ONU - há a figura do pêndulo

⁸ “Believing that the past is not merely prologue and that the present does not have a monopoly on the truth, we have drawn on historical experience and the insights of numerous earlier writers”. Traduzido do original pelos autores.

enquanto continuidade histórica (Watson, 2004). O autor divide quatro quadrantes possíveis entre os quais essa balança, sendo eles (i) o independente, (ii) o hegemônico, (iii) o de dominação, e o (iv) imperial. Percebem-se os mesmos organizados de modo em que o primeiro ponto representa uma ordem mais relaxada e o último uma de maior controle. Assim, o pêndulo da história balançaria entre estas quatro formas de ordem internacional e cada sistema se colocaria em um destes pontos - a sociedade contemporânea, por exemplo, estaria na posição independente na qual há uma hegemonia difusa a partir dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU.

Certamente, além da própria noção de sociedade não poder ser interpretada enquanto totalidade (Mann, 2000), a figura do pêndulo não deve ser seguida à risca e pode ser problematizada em algumas percepções conceituais, como o questionamento sobre um sistema hegemônico ser considerado mais relaxado do que um sistema de dominação - o que levaria a um debate conceitual; mas isso é outra discussão. Fundamental para o esforço da monografia que se desenvolve aqui é a aquiescência da história enquanto esse *continuum* e a respectiva necessidade em se olhar para o passado para conseguir se interpretar o presente e criar ferramentas que ajudarão a compreender o futuro.

Ainda nesse sentido, é válido retomar a filosofia da história hegeliana no que tange o método com o qual Hegel (2014) interpreta esse caminhar histórico. Através das figuras *dialética* e *tempo* pode-se entender como a sucessão temporal carrega em si elementos do seu passado. O movimento executado pela dialética através do tempo suprassume uma série de determinações que se desenvolvem no decorrer da história, e que através dos próprios conflitos e contingências aí presentes, dão lugar, através de sua síntese, a novas formatações desta própria história. Apesar de Adam Watson (2004) não explicitar e nem sequer citar a noção hegeliana sobre a história, percebe-se uma ideia comum em ambos, a de um presente que incorpora elementos do passado, uma sucessão temporal que suprassume as determinações dos tempos. O mesmo serve para a teleologia desta história, pois se esta é dialética e tende sempre a constituir novas indeterminidades em Hegel⁹; para Watson (2004) nenhum quadrante é perene no que tange a localização do pêndulo.

⁹ Deve-se ter em vista a existência de uma má interpretação a respeito do “fim da história” em Hegel, que através de uma leitura equivocada se tornou, infelizmente, um senso comum acadêmico no qual se acredita que o filósofo propunha um desenvolvimento histórico que em algum momento alcançaria seu fim. Para uma melhor compreensão de como se dá esta discussão na filosofia política hegeliana ver ROSENFELD, Denis. *Política e Liberdade em Hegel*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Esse apego à historicidade é essencial para se compreender o conceito de sociedade internacional como proposto pela Escola Inglesa, o que por vezes colocará tal noção em confronto com o de sistema internacional - o mais largamente utilizado nas Relações Internacionais. Barry Buzan e Richard Little (2000) argumentam sobre a falta de um senso histórico na noção de sistema internacional, o que pode ser bem percebido nas críticas dirigidas ao realismo e, mais especificamente, ao realismo estrutural de Kenneth Waltz (2001). Faltam definições substanciais, embasadas historicamente, para que seja possível conceber um sistema internacional (Buzan; Little 2000). A noção de sistema trabalhada pode ser percebida, assim como outros dois conceitos corriqueiramente utilizados nas relações internacionais e na filosofia política em geral, através da seguinte frase (Watson, 2004, p. 13): “Palavras como Estado, império e sistema são úteis na medida em que lembramos não serem eles mais do que categorizações amplas as quais cobrem um largo escopo de distintos fenômenos individuais, e que diferentes usuários destes termos possuem diferentes significados para estes”¹⁰.

Assim, pode-se ter em vista o sistema internacional enquanto um espaço no qual diferentes atores se relacionam, lugar este em que o pêndulo se move entre diferentes quadrantes através do tipo destas relações, mas que carece de uma substância que só poderá ser dada pela formação de uma sociedade internacional. Falta ao sistema internacional instituições, regras, valores, costumes que só podem ser constituídos dentro de uma sociedade; nisso reside a própria analogia de Watson (2004) sobre um “contrato social” no nível internacional. Contudo, é importante pensar também nos conflitos internos a esta sociedade.

Segundo Fred Halliday (2007), de fato há a formação de uma sociedade internacional, mais complexa do que o sistema, mas esta se constitui mais pela coerção ideológica, militar e econômica do que pelos valores compartilhados; assim, os costumes e regras não seriam frutos de uma deliberação entre os atores internacionais, mas sim, de imposições oriundas de relações internacionais assimétricas, uma linha que relembra o que também defende Robert Cox (1986). Logo compreende-se que nem sempre existiu uma sociedade internacional, que o sistema internacional é precedente à sociedade, mas que esta representa uma fase de substancialização daquela. Normalmente vislumbrava-

¹⁰ “Words like “state”, “empire” and “system” are useful so long as we remember that they are no more than broad categorizations which cover a considerable range of distinct individual phenomena, and that different users of these terms mean slightly different things by them”. Traduzido do original pelos autores.

se, no que Watson (2004) coloca como *o antigo sistema de Estados*, a existência de diferentes sistemas que não conjugavam uma sociedade internacional.

Deve-se ter em vista aquilo que Adam Watson (2004) apontou no capítulo 25, o fato de esta não corresponder a um fenômeno espontâneo ou imediato, mas sim, ser uma herdeira do passado. Logo, para compreender a ordem internacional vigente na sociedade internacional deve-se, antes, compreender as supressões - no sentido da *aufheben* hegeliana¹¹ - realizadas no progresso histórico das relações internacionais. Do capítulo 2 ao 10, de um resgate da Suméria ao estudo sobre o Império Bizantino, Adam Watson (2004) dedica-se a uma espécie de pré-história da Sociedade Internacional, mas que possui profunda relevância em sentido histórico e teórico. Percebe-se duas linhas centrais que se relacionam e articulam as preocupações do autor em relação ao período histórico desta parte, a saber, (i) a importância de uma determinada matriz cultural para a (ii) modulação de autoridades e hegemonias em um Sistema Internacional (Watson, 2004). O exemplo mais contundente é o da Grécia clássica, que pode ser bem extraído através do quinto capítulo da obra de Watson (2004, p. 47), pois esta:

[...] ocupa uma posição mais central na evolução da Sociedade Internacional moderna quando comparado a qualquer outro sistema nesta parte da nossa pesquisa, e merece nossa mais detalhada atenção. É importante a nós por dois motivos. Primeiro, as Cidades-Estado e os persas na primeira metade do período, e as monarquias helênicas no segundo, organizaram suas relações exteriores de modo muito inovativo e significativo. Segundo, o sistema grego-persa exerceu grande influência no sistema europeu, a partir do qual o sistema presente se desenvolveu; e por muitos séculos, aspectos da prática grega serviu como modelo para a sociedade de Estados europeia.¹²

A helenização cultural foi um fenômeno que afetou uma série de impérios e localidades diferentes, desembocando e influenciando a cultura, a filosofia e as instituições até os dias de hoje. Interessante notar como sistemas em posição de hegemonia, dominância ou império faziam uso da matriz cultural grega para se colocarem

¹¹ De forma sucinta, tal conceito corresponde à tripla ação de negar, conservar e elevar algo antecedente. Consiste em uma parte do método dialético. Em uma filosofia da história a partir do prisma hegeliano, isso corresponde, enfim, à compreensão de que a história é um elemento da constituição do presente, ainda que alterada frente às contingências de tal tempo.

¹² “[...] occupies a more central position in the evolution of modern international society than any other system in this part of our enquiry, and deserves our more detailed attention. It is important to us for two reasons. First, the city states and the Persians in the first half of the period, and the Hellenistic monarchies in the second, organized their external relations in very innovative and significant ways. Second, the Greco-Persian system exercised great influence on the European system, out of which the present system has developed; and for several centuries aspects of Greek practice served as models for the European society of states.” Traduzido do original pelos autores.

como superiores, realidade apreendida nos persas, macedônios e até mesmo nos romanos (Watson, 2004). Indo um pouco além, pode-se argumentar como a democracia, organização política nascida na sociedade helênica, é até hoje - a despeito das inúmeras diferenças entre a democracia contemporânea e a clássica - instrumentalizada como argumento de superioridade política e cultural (Cox, 1986). A questão da hegemonia a partir da cultura possui, além do seu clássico viés gramsciano - utilizado nas Relações Internacionais a partir da obra de Robert Cox (1986).

Percebe-se, com as questões acima, como a Escola Inglesa foi e ainda é relevante para a teorização das Relações Internacionais. A partir da noção de Sociedade Internacional, uma série de questões sobre a ordem internacional e a distribuição de poder global podem ser pensadas sob o prisma dos conceitos de tal corrente, a qual, por sua vez, possui afinidade com outras perspectivas teóricas, como a Escola Francesa e a Teoria Crítica (Jung; De Oliveira, 2024). Contudo, se tem em vista como as principais referências da Escola Inglesa ainda estão localizadas em pensadores homens, sendo ausente do debate - principalmente na academia brasileira - sobre as contribuições de Coral Bell; é com isso que a próxima seção se ocupará.

A contribuição de Coral Bell às Relações Internacionais a partir da Escola Inglesa

O campo das Relações Internacionais é profundamente masculinizado. Evidentemente, alguns nomes femininos receberam mais destaque que outros, mas é inegável a frequência com a qual as mulheres são minimizadas no mercado de trabalho e no meio acadêmico. Ao comentar sobre a área de Relações Internacionais, por exemplo, principalmente se considerando temas políticos, econômicos e securitários, essa segregação de gênero faz-se ainda mais visível.

Ao se propor a estudar, especialmente, o gerenciamento de crises internacionais, guerras, e os demais propósitos securitários globais - além de participar diretamente na formulação da política externa de seu país - Coral Bell representa uma resistência a esse estereótipo. Sem explicitamente debater sobre o papel do gênero na sociedade, acaba, em partes, sendo discriminada por ele. Não é possível afirmar que Bell não recebeu tanto reconhecimento apenas por ser mulher, vários fatores, incluindo perfil pessoal, tornam-se relevantes, nas palavras de Geoffrey Barker (2014, p. 18): “Ao contrário de muitos dos seus colegas, Coral não buscou o reconhecimento público. Ela não jogou o jogo da mídia

nem procurou promover seus pontos de vista”¹³. Dessa maneira, simplificar a escassez de disseminação do material de Bell apenas definindo a questão de gênero como responsável não é adequado, contudo, não se nega que tais traços sociais moldaram sua carreira. É importante destacar que, em grande parte, seu desempenho estudantil acabou permitindo que frequentasse ambientes incomuns para mulheres nos anos 50. Como exemplo, toma-se o fato de que foi a única mulher de sua turma como diplomata.

Meredith Thatcher (2014, p. 29) representa, em suma, sua apreciação pelo trabalho de Bell ao mencionar que “Quando você conversava com Coral, você sabia que estava na presença de um gigante intelectual”¹⁴. Coral Mary Bell foi uma acadêmica australiana que nasceu em 1923 e faleceu em 2012, sendo assim, vivenciou grande parte do século XX e seus impactos históricos. Seus destaques na vida escolar ocorreram desde cedo, de uma origem humilde e tendo que lidar com a morte da mãe e o afastamento do pai e irmãos desde os sete anos, Bell tornou-se uma pessoa preparada para desafios. Através de uma bolsa de estudos conseguiu se formar em Artes pela Universidade de Sydney e ingressou, no ano de 1945, como única cadete diplomática feminina no Departamento de Relações Exteriores da Austrália, em Camberra.

Em 1948, foi realocada para o escritório da Austrália em Wellington e ajudou com a criação do ANZUS, acordo trilateral de segurança entre Austrália, Estados Unidos e Nova Zelândia, oficializado em 1951, com o intuito de cooperação militar defensiva no oceano Pacífico Sul. Nesse mesmo ano, Coral Bell saiu do Departamento e foi para a Escola de Economia de Londres (LSE), onde começou sua ilustre carreira acadêmica como professora universitária e pesquisadora no Instituto Real de Assuntos Internacionais¹⁵, atual Chatham House. Coral Bell afirma que uma das principais razões para o fim de sua carreira diplomática foi seu desinteresse na parte da vida social constante e relevante para a realização deste trabalho.

Ainda na LSE, entrou em contato com alguns dos teóricos mais famosos da Escola Inglesa de Relações Internacionais, Martin Wight e Hedley Bull, o primeiro ela considera “a principal influência intelectual de sua vida”. Como um de seus grandes feitos na Inglaterra, podemos citar que ela foi nomeada a primeira professora de Relações

¹³ “Unlike many of her colleagues Coral did not pursue public recognition. She did not play the media game and seek to promote her views.” Traduzido do original pelos autores.

¹⁴ “When you conversed with Coral, you knew you were in the presence of an intellectual giant.” Traduzido do original pelos autores.

¹⁵ Royal Institute of International Affairs.

Internacionais da Universidade de Manchester, foi lá que começou a desenvolver sua pesquisa sobre gerenciamento de crises internacionais, através do evitamento de guerras e da gestão de derrotas sem o recurso bélico. Em Londres, teve seu primeiro livro publicado, *Survey of International Affairs for 1954*, que lançado em 1956 representava apenas o início de suas várias obras a serem publicadas. Ao diminuir a ênfase comum nos assuntos europeus, decidiu focar tanto na derrota francesa em *Dien Bien Phu*, como nas armas nucleares e suas implicações na política internacional (O'Neil, 2014, p. 35).

Nesse novo contato com pensadores da época, é possível notar que ela herdou de Martin Wight a grande hostilidade às abordagens científicas e positivistas da área, além de uma firme convicção de que o estudo das relações internacionais envolvia um forte conhecimento de história, pois conforme Hall (2014, p. 47): “O interesse duradouro de Bell pelo passado e seu interesse pelas práticas das relações internacionais sem dúvida a predispueram a Wight”¹⁶. Claramente, esse traço de sua escrita condiz com as propostas da Escola Inglesa de Relações Internacionais, a defesa da história como disciplina essencial para o entendimento das relações internacionais, já tinha sido sugerida por Wight na década de 1950 e Hedley Bull popularizou nas décadas de 1960 e 1970. Como apontado por Ian Hall em *Power and International Relations: Essays in Honour of Coral Bell*, a teoria internacional de Coral era do tipo antiquado, parecida com a dos realistas considerados tradicionalistas e liberais da primeira geração de teóricos.

Já em 1956 começou seu doutorado sobre a estratégia dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, intitulado *Negotiation from Strength*, que em 1962 foi título de seu segundo livro e uma de suas obras mais conhecidas. Se candidatou para uma bolsa da Fundação Rockefeller que, no ano de 1959, a levou para os EUA, onde conheceu os principais responsáveis pela configuração bipolar do sistema internacional da época: George Kennan, ex-diretor de Planejamento Político do Departamento de Estado dos Estados Unidos; Dean Acheson, ex-secretário de Estado dos Estados Unidos; e Paul Nitze, ex-secretário da Marinha dos Estados Unidos. Seus trabalhos sobre Política Externa estadunidense das décadas de 40 e 50, considerando o contexto da Guerra Fria, as armas nucleares e o gerenciamento de crises foram responsáveis pelo começo de seu

¹⁶ “Bell’s enduring interest in the past and her interest in the practices of international relations no doubt predisposed her to Wight”. Traduzido do original pelos autores.

reconhecimento, “O que realmente emerge de seus escritos sobre a Guerra Fria é a mente e o juízo de uma mestre em estratégia” (Wesley, 2014, p. 80)¹⁷.

Em *Negotiation from Strength* (1962), por exemplo, Coral Bell propõe uma análise centralizada no desenvolvimento de políticas que mantêm valores e interesses do ocidente ao mesmo tempo que evitam a guerra com armas nucleares. O intuito é estudar a ascensão e queda de um conceito político, “negociação a partir da força”, que surgiu nos círculos de política externa americana em 1950 como um possível alternativa à “contenção”. Além disso, ela demonstrava uma preocupação sobre quantas pessoas precisavam ter convicção em uma ideia para transformá-la em política real, pois conforme Richardson (2014 p. 61):

Negociação a partir da Força oferece um comentário brilhante sobre a década de 1950: a década durante a qual a Guerra Fria na Europa se transformou num confronto rígido entre dois blocos militares fortemente armados, aparentemente perpétuo. À primeira vista, a fórmula diplomática que dá título ao livro oferecia pouco mais do que um dispositivo para adiar indefinidamente negociações indesejadas, mas Bell mostra que, pelo contrário, os variados usos da fórmula podem servir para iluminar as potencialidades de um Ocidente mais imaginativo. diplomacia durante esses anos e as razões pelas quais isso não foi tentado.¹⁸

Por esse motivo, começou a realizar entrevistas com nomes conhecidos como Robert Oppenheimer, o pai da bomba atômica e, na época, diretor do Instituto de Estudos Avançados em Princeton, também, Henry Kissinger, ainda um jovem professor na Universidade de Harvard, pois acreditava que para compreender a base das políticas de segurança ocidentais da época era necessário entender as opiniões dos responsáveis por influenciá-las. Essas atividades proporcionaram informações privilegiadas nos debates de Washington sobre as políticas das armas nucleares e as relações da União Soviética (URSS) com os Estados Unidos (EUA).

Mais tarde, em um tributo à professora australiana, Henry Kissinger (2001, p. 288) escreve: “A acadêmica australiana Coral Bell descreveu brilhantemente o desafio da

¹⁷ “What really emerges from her writings on the Cold War is the mind and judgements of a master strategist” Traduzido do original pelos autores.

¹⁸ “Negotiation from Strength offers a sparkling commentary on the 1950s: the decade during which the Cold War in Europe hardened into a rigid confrontation between two heavily armed military blocs, seemingly in perpetuity. At first sight, the diplomatic formula which provides the book’s title offered little more than a device for indefinitely deferring unwanted negotiations, but Bell shows that, on the contrary, the varied uses of the formula can serve to illuminate the potentialities for a more imaginative Western diplomacy during those years, and the reasons why this was not attempted”. Traduzido do original pelos autores.

América: reconhecer a sua própria preeminência, mas conduzir a sua política como se ainda fosse vivendo num mundo com muitos centros de poder”¹⁹. Vale ressaltar que Coral Bell foi parte de uma das últimas gerações cujo pensamento sobre as relações internacionais foi moldado pela experiência direta e pessoal da guerra hegemônica, e o trabalho da sua vida foi explorar a questão sobre como tais guerras podem ser evitadas, por esses motivos, que misturam interesses acadêmicos com vivências pessoais, ela ficou conhecida por muitos como uma realista otimista. Seus estudos procuravam entender como os Estados interagem entre si, levando em consideração tanto os padrões lentos de mudança nas suas relações de longo prazo, como as tensões repentinas, causadas por crises (White, 2014, p. 119).

Sobre essa prioridade de pesquisa é apontado pela própria autora em seu memoir não publicado como sua vida pessoal pode ter influenciado seus interesses. Coral Bell (*apud* White, 2012, p.1) comenta quando descobriu sobre a bomba nuclear em Hiroshima: "Talvez esse momento seja a razão pela qual grande parte da minha vida girou em torno de guerras e crises; porque tenho tido tanta preocupação com a possibilidade do Armageddon. Especialmente como evitá-lo”²⁰. Essa é apenas uma das vezes nas quais sua vida pessoal se mescla com sua forma de visualizar seu campo de estudos, moldando suas perspectivas e prioridades. Apresentando, também, a visão de uma mulher em um campo protagonizado por entes masculinos, a guerra.

Um dos traços mais marcantes de sua carreira foi o entendimento de seus posicionamentos como realistas, justamente por ressaltar as guerras e suas ferramentas. Ao mesmo tempo que podem ser interpretados de maneira otimista, pois Bell não compreendia essas como as únicas maneiras de resolução de conflitos internacionais, além de destacar seu interesse em evitá-las. Mas o fato de ter presenciado a Segunda Guerra Mundial e todo o cenário da Guerra Fria foram os pilares desse pensamento, baseado na história, em sua visão essa é uma razão para uma perspectiva otimista. Afinal, se o mundo sobreviveu a tudo aquilo, a autora defendia que poderia sobreviver a muito

¹⁹ “The Australian scholar Coral Bell has brilliantly described America’s challenge: to recognise its own pre-eminence but to conduct its policy as if it were still living in a world of many centres of power”. Traduzido do original pelos autores.

²⁰ “Perhaps that moment is the reason why so much of my life has revolved around wars and crises; why I have had such a preoccupation with the possibility of Armageddon. Especially how to avoid it” (Bell, ‘A Preoccupation with Armageddon’, unpublished memoir, Canberra, 2012, p. 1.) Traduzido do original pelos autores.

mais. (Barker, 2014, p. 18). Em *Power and International Relations: Essays in Honour of Coral Bell*, Meredith Thatcher (Ball; Lee, 2014, p. 23), pesquisadora e amiga de Bell, afirma “Ela era, acredito, uma realista otimista.”²¹, o que é demonstrado, inclusive, no nome do capítulo escrito por Thatcher, “*Coral Bell: Recollections of an Optimistic Realist*”. Já alguns autores a classificam como “realista tradicional” contemplando seus princípios em comum com a corrente tradicionalista, abordado pela Escola Inglesa.

Ainda sobre fundamento realistas, uma das temáticas recorrentes nos escritos de Coral é a balança de poder, especialmente considerando as grandes potências, contudo sua crença na cooperação demonstra a alta influência da Escola Inglesa, pois segundo Taylor (2014, p. 67): “A sua preocupação era principalmente as relações diplomáticas e estratégicas entre as grandes potências daquilo que Coral gostava de chamar de “o equilíbrio central”²². Essa questão se agrava com as armas nucleares, pois a partir dos anos 40 a balança de poder é responsável por impedir a possível destruição global. Nesse sentido, o fator de equilíbrio nuclear torna-se fundamental para entender as estratégias e a orientação política das potências que conseqüentemente alteram a balança de poder e a configuração mundial. Assim, é possível notar a internacionalização de questões que inicialmente eram consideradas nacionais como os sistemas econômicos adotados internamente pelos EUA e pela URSS (Bell, 1971, p. 7).

Outro assunto muito trabalhado pela autora é a configuração mundial, enfatizando as possibilidades, após o sistema bipolar que marca o período da Guerra Fria e o relacionamento da política australiana com a balança de poder central, sendo esse último um grande diferencial em seus estudos. Ela defendia fortemente que o estilo estrutural de poder europeu seria o ideal para preservar a paz e o equilíbrio entre as nações. Esse tema é comum aos pensadores da Escola Inglesa, Hedley Bull, por exemplo, cita a balança de poder como uma das instituições que figuram na sociedade anárquica internacional. Já seu otimismo para a configuração desse mecanismo pós-Guerra Fria e seu julgamento do papel da Austrália nesta configuração pode ser vista na conclusão do artigo *The End of the Vasco da Gama Era* (Bell, 2007, p. 52):

Mas não há razão para Camberra ver com apreensão a chegada de um futuro equilíbrio mundial multipolar. Não temos nenhum inimigo especial entre as

²¹ “She was, I believe, an optimistic realist”. Traduzido do original pelos autores.

²² “Her preoccupation was very much the diplomatic and strategic relations between the great powers of what Coral liked to term ‘the central balance’”. Traduzido do original pelos autores.

seis grandes potências que parecem provavelmente partilhar a governação deste mundo emergente. [...] No que diz respeito às potências médias, a Austrália é excepcionalmente bem-dotada de ativos económicos e estratégicos. [...] Os Estados Unidos continuarão a ser o poder supremo na sociedade dos Estados, apenas num mundo multipolar em vez de num mundo unipolar ou bipolar.²³

Nessa mesma obra, Bell (2007, p. 23) reconhece que, em circunstâncias específicas, usar alianças como forma de estratégia contra ameaças comuns é necessário, pelo menos a curto prazo: “O ambiente pós-Guerra Fria do Japão, por exemplo, impôs uma necessidade contínua da aliança de segurança bilateral EUA-Japão face à modernização militar chinesa e ao desenvolvimento norte-coreano de armas nucleares”²⁴. Aqui ela dialoga com os ideais de cooperação também representados pela Sociedade Internacional da Escola Inglesa.

Um dos saltos de sua reputação se deu através de seu trabalho para o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS) e para a Chatham House sobre armas nucleares, relações ocidentais com a União Soviética, políticas estadunidenses e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Durante o período da Guerra Fria, a criação de acordos cooperativos tanto diplomáticos quanto militares adquiriram destaque nas teorias dos internacionalistas. Coral Bell (1977) reconheceu, por exemplo, a OTAN na maioria das vezes como útil e eficaz na contenção do poder soviético.

No entanto, quando um formato multipolar de poder global começou a tomar lugar, a autora australiana tornou-se cada vez mais crítica da organização. Para ela, os EUA eram capazes de atuar na bipolaridade da Guerra Fria, mas não conseguiu lidar com a redistribuição do poder global depois da desintegração da União Soviética. Simultaneamente, tal organização representou uma certa limitação do poderio estadunidense, já que foi uma maneira para que Washington conquistasse uma posição estratégica e um eventual arsenal na Europa Ocidental ao mesmo tempo que exigiu negociações complicadas de aliança e por vezes desgastantes. Outra pontuação relevante

²³ “But there is no reason for Canberra to view with apprehension the coming of a prospective multipolar world balance. We have no special enemy among the six great powers who appear likely to share the governance of that emerging world. [...] As middle powers go, Australia is exceptionally well endowed with both economic and strategic assets. [...] The United States will remain the paramount power in the society of states, only in a multipolar world instead of a unipolar or bipolar one”. Traduzido do original pelos autores.

²⁴ “Japan’s post-Cold War environment, for example, mandated a continued need for the US–Japan bilateral security alliance in the face of Chinese military modernisation and North Korean development of nuclear weapons”. Traduzido do original pelos autores.

sobre a OTAN é que, para Bell (1971, p. 91), ela representava uma exceção, pois a maioria dos acordos funcionava “[...] como ANZUS, com os Estados Unidos aliados a uma ou duas potências de pequeno poderio militar e sem grande influência ou experiência diplomática”²⁵ e na Organização do Tratado do Atlântico Norte esse país se unia com atores fortes do sistema para alcançar os objetivos em comum. Seus comentários sobre instituições e seu papel em um mundo inicialmente estadocêntrico é relevante para compreender a projeção de poder (Bell, 1962) e a configuração das alianças formadas pelos agentes, revelando valores e intenções semelhantes entre esses.

Desenvolvido, em seus estudos sobre a aproximação emergente entre Estados Unidos e China durante a Guerra Fria (Bell, 1964), o conceito de *shadow condominium*²⁶ caracteriza um acordo temporário de partilha de poder durante períodos de crise impetuosa envolvendo os interesses de dois poderes dominantes. Seu nome surge da ideia que após a solvência da tensão tal pacto recua para algo como “as sombras do futuro”; assim, adquire uma função temporária de proporcionar estabilidade através da gestão conjunta de poder pelas grandes potências e a perspectiva deste “condomínio” ressurgir das sombras em tempos de crise profunda. Esse representa um tipo de terceira via, capaz de interpretar de maneira mais abrangente as dinâmicas cooperativas e competitivas do sistema internacional. Demonstrando a originalidade e complexidade das análises da professora.

Atualmente, a concepção sobre os relacionamentos diplomáticos entre superpotências, trazida pela autora há mais de 50 anos pode ser aplicada na relação, então emergente, entre os EUA e a China demonstrando a atemporalidade de muitos de seus estudos. Conforme Wesley (2014, p. 83): “O poder intuitivo de Coral Bell é melhor e repetidamente ilustrado pelo seu foco em questões e tendências que na época não eram amplamente conhecidas e discutidas, mas que mais tarde se tornaram estruturas definidoras de análise”²⁷. O trabalho de Coral Bell na área de Relações Internacionais adotou diversos perfis, pois além da carreira no ensino, seu trabalho com pesquisa e

²⁵ “[...] like ANZUS, with the United States allied to one or two powers of small military strength and no great diplomatic leverage or experience”. Traduzido do original pelos autores.

²⁶ Conceito que pode ser traduzido como “condomínio da sombra” ou “condomínio paralelo”.

²⁷ “Coral Bell’s intuitive power is best and repeatedly illustrated by her focus on issues and tendencies that at the time were not widely known or discussed, but which later became defining frameworks of analysis”. Traduzido do original pelos autores.

atuações políticas é fundamental para compreender a habilidade por ela demonstrada para analisar e projetar conjunturas.

Quando retornou à Inglaterra, foi apontada como professora de Relações Internacionais da Universidade de Sussex, lecionando ao lado de Martin Wight. Anos mais tarde, esse mesmo autor - já apontado como um dos principais nomes da Escola Inglesa - afirmou que só poderia hesitar entre dois australianos quando solicitado a recomendar alguém para a Cátedra de Relações Internacionais da Universidade de Sussex, Coral Bell e Hedley Bull - Coral aceitou o trabalho (Miller, 2014, p. 57). Essa foi apenas uma demonstração do impacto de Bell no campo das Relações Internacionais e do respeito e reconhecimento pelos seus pares que ela adquiriu ao longo de sua carreira, especialmente considerando que o campo é majoritariamente masculino, especialmente há 70 anos atrás.

Apesar de ficar conhecida por seus apontamentos sobre o gerenciamento de crises (Bell, 1964; 1971), a balança de poder (Bell, 1962; 1968; 1977) e o sistema internacional de seu tempo (Bell, 1962; 1977; 2007), importante parte de seu trabalho também se concentrou em interligar a conjuntura do século XX com a política australiana (Bell, 2005), o que aponta uma visão bastante específica e original para a época, na qual potências medianas não eram o enfoque do contexto global. Em 1977, a vontade de voltar para sua terra natal a levou para trabalhar na Universidade Nacional Australiana. É interessante notar como a posição do país no tabuleiro mundial se assemelha a da autora já que apesar de grande parte de suas obras fazerem menção à política externa do ocidente, grande influenciador australiano, também era uma estudiosa da região asiática que faz parte dos entornos geográficos de sua nação. Tal dualidade, de trabalhar francamente com diversas regiões deve ser destacada e levar em consideração o posicionamento da Austrália, relevante no ocidente e no oriente e o amplo escopo de análise da autora, que enriquece seus apontamentos.

Além disso, seu histórico permitiu com que Coral Bell fizesse pontes entre tais regiões. Ou seja, por ter ajudado a administrar as políticas australianas para o Sudeste Asiático no final da década de 1940, tinha conhecimentos sobre aquela região e os seus conflitos, o que a permitiu ver quão contraprodutivo poderia ser o esforço militar estadunidense naquele território. Ademais, ao examinar a política dos EUA durante a Guerra da Coreia, notou que a principal influência do país naquele conflito era a diplomática, não a militar.

Mais especificamente sobre a posição da Austrália no globo ela demonstra convicção na aliança desta com os Estados Unidos no curto e médio prazo, não acreditando que o regionalismo asiático teria muito efeito no país da Oceania. Porém, à longo prazo, observou que a evolução do equilíbrio central provavelmente não evoluiria de formas necessariamente propícias ao crescimento da Austrália. Nesse sentido, demonstra-se favorável ao apoio de Washington à Camberra. Coral Bell (1968, p. 4-5) identifica seis grandes potências no mundo pós-soviético: EUA, Rússia, Europa, China, Japão e Índia. Pode-se ver uma mudança no pensamento dela sobre o que impulsiona as grandes potências a formar um concerto, para administrar o poder, se compararmos com *The Diplomacy of Détente: The Kissinger Era* (1977). A explicação anterior centra-se no interesse comum das nações em evitar a guerra, enquanto a última aborda, julga mais importante os interesses que partilham na gestão das suas relações, na resposta às pressões e ameaças de países fora do grupo de grandes potências.

Outra alteração nas teses da australiana é demonstrada no ano de 2005, em seu artigo para o Australian Strategic Policy Institute intitulado *Living with Giants: Finding Australia's Place in a More Complex World*, nele, Bell (2005, p. 14) reconheceu que os Estados Unidos tinham se tornado líder de uma ordem global unipolar, mas ainda acreditava que este seria substituído por uma nova ordem multipolar conforme consta: “Há, portanto, na minha opinião, uma perspectiva emergente de transmutação da atual sociedade unipolar de Estados numa sociedade multipolar num futuro previsível”²⁸. E não é de surpreender que ela tenha previsto novamente que esta nova ordem multipolar iria funcionar como um concerto de poderes; ela viu novas formas e fóruns para a cooperação multilateral global, como o G7²⁹ e a ASEAN³⁰, tanto como uma demonstração de que existia vontade entre as grandes potências de criar um concerto e as instituições seriam como uma oferta de um caminho para a sua concretização.

Para completar sua interferência nas políticas australianas, relembra-se uma observação de Walt (2012, p. 33-43):

²⁸ “There is thus, to my mind, an emerging prospect of the transmutation of the present unipolar society of states back into a multipolar one in the foreseeable future”. Traduzido do original pelos autores.

²⁹ Grupo dos sete países mais industrializados do mundo, criado em 1975. A partir de 1999 passou a dividir espaço com o G20, que é o grupo das 19 maiores economias do mundo em conjunto à União Europeia e à União Africana.

³⁰ Associação de Nações do Sudeste Asiático.

[...] a teoria acadêmica – incluindo o meu próprio trabalho – teve relativamente pouco impacto direto ou indireto no comportamento real do Estado. Os acadêmicos podem dizer a si próprios que estão a ‘falar a verdade ao poder’, mas na maioria das vezes os poderosos não ouvem.³¹

Desse modo, Bell foi a exceção à regra postulada pelo notável teórico. Ao abordar a política de alianças, ela demonstrou uma capacidade notável para avaliar as atividades estratégicas para a Austrália e o Ocidente em geral. Ela era capaz de transmitir sua opinião fazendo referências elegantes à história diplomática. Tanto o diplomata Kim Beazley quanto o teórico australiano de relações internacionais, James L Richardson, reconheceram o talento excepcional dela para combinar a análise de conjuntura com perspectivas históricas altamente sofisticadas. O secretário do Departamento de Relações Exteriores, Sir Keith Waller, fez uma observação semelhante, no início da década de 1970, sobre como o trabalho de Bell trouxe um novo brilho à reputação da Austrália. Enfatiza-se esse elemento como mais uma capacidade singular da aplicação de seus estudos.

Por essas razões, a importância de Coral Bell às Relações Internacionais pode ser vista por vários ângulos, tanto nacional quanto globalmente, é possível adotar uma perspectiva dos seus feitos acadêmicos ou políticos e contempla uma mistura das teorias realistas, institucionalistas e, especialmente, da Escola Inglesa. Nacionalmente, cabe mencionar que em 2005 seu reconhecimento foi demonstrado através do recebimento da Ordem da Austrália, na Casa do Governo em Canberra (House *apud* Thatcher, 2014, p. 5): “Dr. Coral Bell: Pelo serviço prestado à bolsa de estudos e ao ensino como uma importante comentarista e contribuidora para o debate sobre política externa e de defesa, internacionalmente e na Austrália”³². O professor de estudos estratégicos na Universidade Nacional Australiana, Hugh White (2014, p. 132) comenta no livro em homenagem a Coral Bell:

O desafio que ela nos deixou é provar que o seu otimismo é justificado ao ver o que pode ser feito para melhorar as possibilidades de construção de um concerto de poder na Ásia. Isso significa explorar o que seria exatamente necessário para alcançar um acordo entre os EUA e a China – e as outras grandes potências da Ásia – que forneceria a base para a paz. Poderíamos dizer

³¹ “[...] academic theory—including my own work—has had relatively little direct or indirect impact on actual state behaviour. Scholars may tell themselves they are ‘speaking truth to power’, but most of the time the powerful don’t listen”. Traduzido do original pelos autores.

³² “Dr Coral Bell: For service to scholarship and to teaching as a leading commentator and contributor to foreign and defence policy debate internationally and in Australia” (Investiture booklet for 2 September 2005, Government House, Canberra, p. 5.)”. Traduzido do original pelos autores.

que a melhor maneira de honrar a vida e o trabalho de Coral é lançarmo-nos nessa tarefa, porque ela estava certa: evitar outra guerra hegemônica – especialmente uma guerra nuclear – continua a ser mais importante e mais urgente do que qualquer outra coisa.³³

Assim, a contribuição de Coral Bell no campo das relações internacionais, tanto no meio acadêmico quanto no político é interessante de vários ângulos, da política externa australiana ao gerenciamento das grandes crises do sistema. Mais especificamente, a adição de posicionamentos e materiais que ela trouxe para a Escola Inglesa é interessante para ajudar na fundamentalização dessa teoria não tão utilizada na academia brasileira. Entretanto, a forma com a qual seus estudos abordam, mesmo em uma época de forte bipolaridade, economias emergentes, como o próprio Brasil e sua função na configuração do Sistema Mundial poderiam auxiliar muitas pesquisas e prospecções interna e externamente ainda hoje.

Considerações Finais

A história enquanto marco epistêmico é fundamental para uma análise aprofundada do campo de Relações Internacionais. A Escola Inglesa é uma corrente teórica que leva em consideração essa perspectiva, e a partir desse entendimento do passado, analisar o presente e projetar cenários para o futuro. Nesse sentido, abordar essa temática é importante para providenciar uma bibliografia mais completa para o campo, pois é notável que, no Brasil, tanto a Escola Inglesa quanto Coral Bell são assuntos periféricos; a intenção com esse artigo é justamente providenciar mais material sobre ambas.

Essa retomada dos posicionamentos da diplomata, professora e autora Coral Mary Bell, propõe uma associação com os princípios e autores da Escola Inglesa de Relações Internacionais e tem como objetivo adicionar ao repertório da bibliografia da Escola Inglesa de Relações Internacionais em língua portuguesa - afinal de contas, inexistente material da autora em vernáculo luso-brasileiro. A riqueza teórica e analítica de Bell não

³³ “The challenge she has left us is to prove her optimism justified by seeing what can be done to improve the chances of building a concert of power in Asia. That means exploring what exactly would be required to achieve an accommodation between the US and China—and Asia’s other great powers—that would provide the basis for peace. One might say that the best way to honour Coral’s life and work is to throw ourselves into that task, because she was right: avoiding another hegemonic war—especially a nuclear war—remains more important and more urgent than anything else”. Traduzido do original pelos autores.

pode passar despercebida do rol teórico das Relações Internacionais, ainda em maturação no Brasil.

Aborda-se, assim, a importância de Coral Bell para a política externa australiana, centrada na análise da dualidade entre ocidente e oriente na qual a diplomacia do país poderia trabalhar. Demonstrava a capacidade de influência da pensadora nos assuntos estatais, pelo qual recebeu a Ordem da Austrália (Oficial da Divisão Geral) na Casa do Governo em Canberra. Ainda, o refinamento analítico desta em relação à Guerra Fria e às movimentações entre países como Estados Unidos, China e Rússia antecipam questões que são úteis ainda hoje. Além de certa singularidade ao contribuir com estudos que consideram fortemente as potências em desenvolvimento durante a segunda metade do século XX. Como apontado ao longo do artigo, suas contribuições internacionais receberam reconhecimento de diversos renomados profissionais da área como Henry Kissinger, Martin Wight, Hugh White, Meredith Thatcher, entre outros.

Como mencionado, no Brasil, a Escola Inglesa de Relações Internacionais não ocupa espaço central nos debates da área, e Coral Bell certamente não possui o destaque - ou sequer o conhecimento - merecido. Seu talento para analisar conjunturas e projetar cenários, como a força das instituições e a configuração multipolar, baseados em argumentos moldados historicamente e adaptados à época, traz novas perspectivas ao campo. Em suma, suas pesquisas facilitam a compreensão do mundo pós-Guerra Fria, além de enfatizar políticas australianas e a posição estratégica desse país no cenário mundial. Somado isso ao arcabouço de pensadores como Martin Wight, Hedley Bull e Barry Buzan, tem-se um enriquecimento da Escola Inglesa das Relações Internacionais.

Referências

BALL, Desmond; LEE, Sheryn. *Power and International Relations: Essays in Honour of Coral Bell*. Australia: ANU Press, 2014.

BELL, Coral. *Living with Giants: Finding Australia's Place in a More Complex World, Strategy Report*. Canberra: Australian Strategic Policy Institute, 2005.

BELL, Coral. *Negotiation of Strength: A Study in the Politics of Power*. Londres: Chatto & Windus, 1962.

BELL, Coral. The Asian Balance of Power: A Comparison with European Precedents. *The Adelphi Papers*, v. 7, n. 44, p.1-14, 1968.

BELL, Coral. *The Conventions of Crisis: A Study in Diplomatic Management*. London: Oxford University Press for the Royal Institute of International Affairs, 1971.

BELL, Coral. The Debatable Alliance: An Essay in Anglo-American Relations. *Chatham House Essays (Oxford University Press)*, n.3, p. 108–113, 1964.

BELL, Coral. *The Diplomacy of Détente: The Kissinger Era*. New York: St. Martin's Press, 1977.

BELL, Coral. *The End of the Vasco da Gama Era: The Next Landscape of World Politics*. Sydney: Lowy Institute for International Policy, 2007.

BRAUDEL, Fernand. *Civilization and Capitalism v.3: The perspective of the world*. London: Harper & Row, 1984.

BULL, Hedley. *A Sociedade Anárquica: um estudo da ordem na política internacional*. Brasília: Editora da UnB, 2002.

BULL, Hedley. International Theory: the case for a traditional approach. *World Politics*, v. 18, n. 3, p. 361-377, 1966a.

BULL, Hedley. Society and Anarchy in International Relations. In: DER DERIAN, James. *International Theory: Critical Investigations*. New York: University Press, 1995.

BULL, Hedley. The Grotian Conception of International Society. In: BUTTERFIELD, Herbert; WIGHT, Martin (orgs.). *Diplomatic investigations: essays in the theory of international relations*. London: George Allen & Unwin Ltd, 1966b.

BULL, Hedley; WATSON, Adam (eds.). *The expansion of international society*. Oxford: University Press, 1985.

BUTTERFIELD, Herbert; WIGHT, Martin. *Diplomatic investigations: essays in theory of international politics*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1966.

BUZAN, Barry; LITTLE, James. *International systems in world history: remaking the study of international relations*. Oxford: University Press, 2000.

COX, Robert. Gramsci, Hegemony and International Relations: as Essay in Method. In: GILL, Stephen (ed.). *Gramsci, Historical Materialism and International Relations*. Cambridge: University Press, 1986.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá: teoria das relações internacionais*. Brasília: Editora da UnB/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GILPIN, Robert. *War and Change in World Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

HALLIDAY, Fred. *Repensando as Relações Internacionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HEGEL, Georg W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2014.

KANT, Immanuel. *Para a paz perpétua*. Rianxo: Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, 2006.

KISSINGER, Henry. *Does America Need a Foreign Policy: Toward a Diplomacy for the 21st Century*, New York: Simon & Schuster, 2001.

KRONSELL, Annica. Gendered practices in institutions of hegemonic masculinity, *International Feminist Journal of Politics*, v. 7, n.2, p. 280-298, 2011.

MANN, Michael. Has globalization ended the rise and rise of the nation-state? In: LINKLATER, Andrew. *International Relations: critical concepts in political science*. London: Routledge, 2000.

RENOUVIN, Pierre; DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Introduction à l'histoire des relations internationales*. Paris: Armand Colin, 1964.

RUGGIE, John. Territoriality and beyond: problematizing modernity in international relations. In: LINKLATER, Andrew. *International Relations: critical concepts in political science*. London: Routledge, 2000.

SCOPUS. *Pesquisa sobre métricas acadêmicas*. 2024. Disponível em: <https://www.scopus.com/authid/detail.uri?authorId=7402354497>. Acesso em: 04 de julho de 2024.

VILLA, Rafael; PIMENTA, Marília. Is International Relations still an American social science discipline in Latin America? *Opinião Pública*, v.3, n.1, p. 261-288, 2017.

WALT, Stephen M., 'Theory and Policy in International Relations: Some Personal Reflections', *Yale Journal of International Affairs*, vol. 7, no. 2, p. 33–43, 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel. The inter-state structure of the modern world-system. In: LINKLATER, Andrew. *International Relations: critical concepts in political science*. London: Routledge, 2000.

WALTZ, Kenneth. *Man, the State, and War: A Theoretical Analysis*. Columbia University Press, 2001.

WATSON, Adam. *A evolução da Sociedade Internacional*. Brasília: UnB, 2004.

WENDT, Alexander. *Social Theory of International Politics*. Cambridge: University Press, 1999.

WHITE, H. Coral Bell and the Concert of Power: Avoiding Armageddon. In: BALL, Desmond; LEE, Sharyn (Eds.). *Power and International Relations: Essays in Honour of Coral Bell*. Sydney: ANU Press, 2014.

WIGHT, Martin. *A política do poder*. Brasília: Editora da UnB, 2002.

WIGHT, Martin. De systematibus civitatum. In: LINKLATER, Andrew. *International Relations: critical concepts in political science*. London: Routledge, 2000.

WIGHT, Martin. *The international theory: three traditions*. Leicester: University Press, 1991.

WIGHT, Martin. Why is There no International Theory? In: DER DERIAN, James. *International Theory: Critical Investigations*. New York: University Press, 1995.

Recebido em: 15/04/2025

Aprovado em: 24/06/2026

Publicado em: 13/07/2026